



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
GRADUAÇÃO EM LETRAS

LEITURA LITERÁRIA E PROCESSOS DE MEDIAÇÃO NA ESCOLA

ISABEL DA SILVA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Português da
Universidade Federal da Paraíba –
UFPB, como requisito final para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Português.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Ana
Cristina Marinho Lúcio

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F349l Ferreira, Isabel da Silva.

Leitura literária e processos de mediação na escola/

Isabel da Silva Ferreira. - João Pessoa, 2018.

42 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Leitura, leitura literária, mediação. I. Título

UFPB/CCHLA

ISABEL DA SILVA FERREIRA

Leitura literária e processo de mediação na escola

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito para Conclusão do curso.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

João Pessoa, 08 de junho de 2018

Prof^ª. Dr^a Ana Cristina Marinho Lúcio - Orientadora – UFPB

Prof. Dr João Paulo da Silva Fernandes – UEPB

Prof^ª. Alyere Silva Farias - UFPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, antes de qualquer outra pessoa, ao Senhor Jesus Cristo que guia nossas vidas, dono de toda terra. Ele que é criador, que nos conhece mesmo antes de chegarmos ao mundo e que sem dúvida nenhuma já tinha traçado meu caminho e me trouxe até a conclusão de um curso superior.

Todos os meus esforços dedico também a minha mãe, Ivete, que desde os meus primeiros dias de vida sempre quis o melhor para mim e fez de tudo para que o sonho de concluir um curso de nível superior fosse possível. Não posso esquecer meu pai Luís, que sempre com muita dedicação, amor, compreensão e companheirismo também se esforçou e me ajudou a concluir este sonho, quando estava em casa debruçada nos livros, no notebook e quando, por muitas vezes ele chegava cansado do trabalho e me levava para a universidade preocupado para que, de forma alguma, eu perdesse um dia de aula. Muito obrigada aos dois, eles são minha fortaleza aqui na terra, os quais amo demais e de forma alguma queria decepcionar, por isso tanto esforço de minha parte e dedicação, pois sei que ter um diploma não é só orgulho para mim, é primeiramente para eles, verem uma filha formada e o resultado dos esforços de uma vida toda sendo realizado.

Por fim, porém não menos importante dedico este trabalho aos professores que fizeram parte desta trajetória e que me mostraram que a educação não está perdida, que ainda é possível salvar vidas através dela. Muitos passaram, mas Mônica Mano, Fátima Vieira, João Paulo Fernandes, Josete Marinho e Francisco Eduardo Vieira fizeram a diferença nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus criador do céu e da terra que me permitiu chegar até este dia, que no ano de 2012 tinha traçado um plano maravilhoso para a minha vida, a realização de um sonho que para mim seria impossível: passar no vestibular e ingressar na Universidade Federal da Paraíba.

Sabia que a caminhada não seria nada fácil, e realmente não foi especialmente no início quando me senti perdida e acreditando que não chegaria até o fim, mas para minha surpresa estou aqui concluindo o curso que, desde jovem sempre quis cursar, aquela menina que um dia se encantava com os poemas, mesmo muitas vezes sem entender muita coisa. Após uma tentativa frustrada de tentar ingressar na UFPB em 2012 seis anos depois seria minha última vez que iria tentar e para surpresa o Senhor fez este milagre em minha vida pelo qual serei grata por toda minha vida.

Não posso deixar de agradecer a minha mãe, Dona Ivete que, mesmo sem ter concluído se quer seu ensino fundamental sempre soube do valor e da importância que estudar para crescer na vida, ser “alguém”, de acordo com ela sem estudo a gente não vale nada. Foi a primeira a me apoiar, e com sua fé inabalável sempre pedia a Deus que eu conseguisse cursar um curso superior e o Senhor com sua infinita misericórdia ouviu suas orações. Não tenho palavras suficientes para agradecer a esta guerreira por tudo que fez e faz por mim, nem para expressar o amor e a gratidão que sinto por ela, sem a sua presença em minha não seria quem sou e muito menos estaria aqui hoje e agora, realizando mais um sonho em minha vida. Amo incondicionalmente esta mulher maravilhosa e guerreira e desejo que nunca lhe falte saúde, paz e a presença de Deus em sua vida.

Também de forma alguma posso deixar de agradecer ao meu pai senhor Luis o qual amo demais, meu companheiro e amigo. Emociono-me ao falar desta pessoa tão amada. Com seu jeito menino de ser também sempre fez de tudo para que eu hoje pudesse estar aqui, embora não aceitasse de bom grado essa história de ser professora, pois ele sabe bem que hoje essa profissão não é tão valorizada, especialmente pelos alunos. Ele sempre acompanha os jornais e está cansado de ver o desrespeito que passam os professores, às vezes são agredidos, insultados. E pai dedicado que é se preocupa para que eu não passe pela mesma situação, no entanto nunca deixou de me apoiar e ajudar para que eu concluísse meu curso. Amo incondicionalmente este pequeno grande homem.

Em cinco anos do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa fiz alguns amigos que levarei para a vida toda, e amigos que são me deram forças nos momentos de fraqueza, choro, desânimo, desespero, ouviram meus lamentos, dividimos momentos juntos na sala de aula, sorrimos, fizemos trabalhos, aprendemos juntos, trocamos ideias.

Ao primeiro deles, e não poderia ser diferente, Valdomiro Quirino, meu amigo/irmão presente de Deus na minha vida. Sempre pronto a atender minhas ligações e ouvir meus lamentos, suas palavras de amizade, consolo e principalmente suas orações me fortaleceram nos momentos de tristeza e pensamentos de desistência. Sei que você sempre torceu para que tudo ocorresse bem, nunca em nenhum momento disse para eu desistir, mas sim correr para Aquele que poderia me ajudar (Deus) e foi o que sempre fiz, por isso hoje concluo mais uma etapa de minha vida. Meu grande amigo Valdomiro Quirino faz parte desta conquista, aqui deixo meus mais sinceros agradecimentos e saiba que daqui a pouco tempo serei eu que estarei feliz com sua realização.

Maria da Glória também faz parte dessa história de superação e vitória, dividiu comigo momentos de extremas angústias, indignações, companheirismo, amizade, foram meses de trocas de mensagens, encontro, ligações, dias em que uma fortalecia a outra e juntas caminhamos para a realização deste sonho e conclusão de nosso curso, em busca de obtermos o tão sonhado diploma de nosso curso de nível superior. Não é apenas um pedaço de papel simbólico, é a recompensa por todos os esforços, a realização de um sonho, é a busca de um futuro melhor, é nossa contribuição de melhoria na educação, é ter orgulho de dizer “eu faço a diferença”, estudei em escola pública e venci. Vai mais além de um simples papel, é servir de exemplo para as pessoas que você conhece e incentivá-las, é sentir orgulhosa de si mesma e saber que os esforços dos seus pais valeram à pena.

Wellyson Maceda também teve fundamental importância no processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso. No início de sua tessitura era meu amigo, acompanhou momentos de desespero, choro e vontade de desistir. Ao longo do caminho se tornou namorado e grande companheiro e pôde acompanhar mais de perto esse trajeto. Nos piores dias, com toda sua paciência me abraçava forte, me fazia sentir protegida, amada, eu sentia que mesmo se não desse certo ele estaria ao meu lado para me encorajar, me apoiar e não me deixar desistir. Sempre tinha uma palavra de conforto para mim, por vezes me disse que já se sentia orgulhoso, em meio as lágrimas ele sempre conseguia arrancar um sorriso meu. Só em lembrar as mesmas lágrimas agora

querem escorrer sobre meu rosto, no entanto, agora são de agradecimento e alívio por ter chegado até aqui.

Valdomiro, Wellyson e Maria da Glória que dividiram momentos especiais e momentos de angústia, afinal são nesses momentos que conhecemos os amigos de verdade. Vocês são bênçãos na minha vida, me ouviram, abraçaram, acalentaram, me deram conselhos, oraram por mim, ficaram felizes com minha felicidade e desesperados nos meus momentos de fraqueza. Meus mais sinceros agradecimentos por tudo, por todo apoio, sempre me acalmando e dizendo que tudo daria certo, hoje é a prova que realmente deu tudo certo, tudo valeu a pena e que acima de tudo e de todos, hoje é a prova que Deus é fiel e realiza milagres na vida de seus filhos. Tenho muito orgulho de ser tua filha Senhor e saber que tu me amas apesar de tudo o que sou.

Estas linhas são pequenas diante minha gratidão por vocês, dedicar este pequeno espaço a vocês é o mínimo que posso fazer vocês já estão gravados em meu coração e ficarão eternizados nestas linhas.

À minha orientadora professora doutora Ana Cristina Marinho Lúcio que me recebeu de uma maneira muito solícita em um momento de desespero e angustia, que com seu vasto conhecimento literário contribui para a concretização deste trabalho.

Desejo a todos vocês que foram citados aqui que Deus seja o centro de suas vidas, pois aqueles que confiam no Senhor são como o monte de Sião que não se abala, mas permanece para sempre (Salmos 125:1), que sua fé seja inabalável, em qualquer momento de suas vidas procurem a Deus, pois Ele é a solução para todo e qualquer problema ou barreira que se erga sobre as nossas vidas, que a sua palavra seja nossa bússola e em meio à escuridão seja nossa luz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus criador do céu e da terra que me permitiu chegar até este dia, que no ano de 2012 tinha traçado um plano maravilhoso para a minha vida, a realização de um sonho que para mim seria impossível: passar no vestibular e ingressar na Universidade Federal da Paraíba.

Sabia que a caminhada não seria nada fácil, e realmente não foi especialmente no início quando me senti perdida e acreditando que não chegaria até o fim, mas para minha surpresa estou aqui concluindo o curso que, desde jovem sempre quis cursar, aquela menina que um dia se encantava com os poemas, mesmo muitas vezes sem entender muita coisa. Após uma tentativa frustrada de tentar ingressar na UFPB em 2012 seis anos depois seria minha última vez que iria tentar e para surpresa o Senhor fez este milagre em minha vida pelo qual serei grata por toda minha vida.

Não posso deixar de agradecer a minha mãe, Dona Ivete que, mesmo sem ter concluído se quer seu ensino fundamental sempre soube do valor e da importância que estudar para crescer na vida, ser “alguém”, de acordo com ela sem estudo a gente não vale nada. Foi a primeira a me apoiar, e com sua fé inabalável sempre pedia a Deus que eu conseguisse cursar um curso superior e o Senhor com sua infinita misericórdia ouviu suas orações. Não tenho palavras suficientes para agradecer a esta guerreira por tudo que fez e faz por mim, nem para expressar o amor e a gratidão que sinto por ela, sem a sua presença em minha não seria quem sou e muito menos estaria aqui hoje e agora, realizando mais um sonho em minha vida. Amo incondicionalmente esta mulher maravilhosa e guerreira e desejo que nunca lhe falte saúde, paz e a presença de Deus em sua vida.

Também de forma alguma posso deixar de agradecer ao meu pai senhor Luis o qual amo demais, meu companheiro e amigo. Emociono-me ao falar desta pessoa tão amada. Com seu jeito menino de ser também sempre fez de tudo para que eu hoje pudesse estar aqui, embora não aceitasse de bom grado essa história de ser professora, pois ele sabe bem que hoje essa profissão não é tão valorizada, especialmente pelos alunos. Ele sempre acompanha os jornais e está cansado de ver o desrespeito que passam os professores, às vezes são agredidos, insultados. E pai dedicado que é se preocupa para que eu não passe pela mesma situação, no entanto nunca deixou de me apoiar e ajudar para que eu concluísse meu curso. Amo incondicionalmente este pequeno grande homem.

Em cinco anos do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa fiz alguns amigos que levarei para a vida toda, e amigos que são me deram forças nos momentos de fraqueza, choro, desânimo, desespero, ouviram meus lamentos, dividimos momentos juntos na sala de aula, sorrimos, fizemos trabalhos, aprendemos juntos, trocamos ideias.

Ao primeiro deles, e não poderia ser diferente, Valdomiro Quirino, meu amigo/irmão presente de Deus na minha vida. Sempre pronto a atender minhas ligações e ouvir meus lamentos, suas palavras de amizade, consolo e principalmente suas orações me fortaleceram nos momentos de tristeza e pensamentos de desistência. Sei que você sempre torceu para que tudo ocorresse bem, nunca em nenhum momento disse para eu desistir, mas sim correr para Aquele que poderia me ajudar (Deus) e foi o que sempre fiz, por isso hoje concluo mais uma etapa de minha vida. Meu grande amigo Valdomiro Quirino faz parte desta conquista, aqui deixo meus mais sinceros agradecimentos e saiba que daqui a pouco tempo serei eu que estarei feliz com sua realização.

Maria da Glória também faz parte dessa história de superação e vitória, dividiu comigo momentos de extremas angústias, indignações, companheirismo, amizade, foram meses de trocas de mensagens, encontro, ligações, dias em que uma fortalecia a outra e juntas caminhamos para a realização deste sonho e conclusão de nosso curso, em busca de obtermos o tão sonhado diploma de nosso curso de nível superior. Não é apenas um pedaço de papel simbólico, é a recompensa por todos os esforços, a realização de um sonho, é a busca de um futuro melhor, é nossa contribuição de melhoria na educação, é ter orgulho de dizer “eu faço a diferença”, estudei em escola pública e venci. Vai mais além de um simples papel, é servir de exemplo para as pessoas que você conhece e incentivá-las, é sentir orgulhosa de si mesma e saber que os esforços dos seus pais valeram à pena.

Wellyson Maceda também teve fundamental importância no processo de escrita deste trabalho de conclusão de curso. No início de sua tessitura era meu amigo, acompanhou momentos de desespero, choro e vontade de desistir. Ao longo do caminho se tornou namorado e grande companheiro e pôde acompanhar mais de perto esse trajeto. Nos piores dias, com toda sua paciência me abraçava forte, me fazia sentir protegida, amada, eu sentia que mesmo se não desse certo ele estaria ao meu lado para me encorajar, me apoiar e não me deixar desistir. Sempre tinha uma palavra de conforto para mim, por vezes me disse que já se sentia orgulhoso, em meio as lágrimas ele sempre conseguia arrancar um sorriso meu. Só em lembrar as mesmas lágrimas agora

querem escorrer sobre meu rosto, no entanto, agora são de agradecimento e alívio por ter chegado até aqui.

Valdomiro, Wellyson e Maria da Glória que dividiram momentos especiais e momentos de angústia, afinal são nesses momentos que conhecemos os amigos de verdade. Vocês são bênçãos na minha vida, me ouviram, abraçaram, acalentaram, me deram conselhos, oraram por mim, ficaram felizes com minha felicidade e desesperados nos meus momentos de fraqueza. Meus mais sinceros agradecimentos por tudo, por todo apoio, sempre me acalmando e dizendo que tudo daria certo, hoje é a prova que realmente deu tudo certo, tudo valeu a pena e que acima de tudo e de todos, hoje é a prova que Deus é fiel e realiza milagres na vida de seus filhos. Tenho muito orgulho de ser tua filha Senhor e saber que tu me amas apesar de tudo o que sou.

Estas linhas são pequenas diante minha gratidão por vocês, dedicar este pequeno espaço a vocês é o mínimo que posso fazer vocês já estão gravados em meu coração e ficarão eternizados nestas linhas.

À minha orientadora professora doutora Ana Cristina Marinho Lúcio que me recebeu de uma maneira muito solícita em um momento de desespero e angustia, que com seu vasto conhecimento literário contribui para a concretização deste trabalho.

Desejo a todos vocês que foram citados aqui que Deus seja o centro de suas vidas, pois aqueles que confiam no Senhor são como o monte de Sião que não se abala, mas permanece para sempre (Salmos 125:1), que sua fé seja inabalável, em qualquer momento de suas vidas procurem a Deus, pois Ele é a solução para todo e qualquer problema ou barreira que se erga sobre as nossas vidas, que a sua palavra seja nossa bússola e em meio à escuridão seja nossa luz.

RESUMO

A proposta deste trabalho intitulado “Leitura literária e processos de mediação na escola” é trazer reflexões a respeito da formação de cidadãos críticos e reflexivos por meio de leitura de textos literários. Trabalho este que teve como motivação os estágios práticos ofertados pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com alunos do ensino médio. Acreditamos que a educação ainda é possível e transformadora da realidade social. A leitura literária abrange os horizontes de expectativa dos estudantes, pois através da condução da aula de leitura o estudante vai ultrapassando estágios e consegue alcançar patamares cada vez mais elevados da leitura, sendo nessa perspectiva que traçamos nossa metodologia. Em articulação, fundamentamos a pesquisa com os pressupostos Cosson (2006), Lois (2010), entre outros. Nesse trabalho veremos que o leitor tem papel fundamental no processo da leitura, sem ele não existe texto. Mostraremos também que as relações interpessoais fazem toda diferença no ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura, literatura literária, mediação.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 Leitura literária: conceitos e práticas	13
2 O projeto didático	18
3 Prática da leitura literária em sala de aula: expectativas e realidades.....	28
Considerações finais	32
Referências bibliográficas	34
Anexos	36

INTRODUÇÃO

No universo acadêmico o tema leitura é bastante discutido em congressos e colóquios embasados em experiências reais vividas pelos discentes e professores pesquisadores da universidade que, juntos, buscam trocar suas vivências para encontrar novas estratégias para reformulação das aulas de leitura. Com essa estratégia, os pesquisadores buscam avançar na formação dos leitores críticos que tanto se espera e se debate.

Iniciado na universidade, o preparo para a formação de professores de língua portuguesa deixa muito a desejar na capacitação para a sala de aula desses profissionais, pois o currículo acadêmico do curso é subsidiado por teorias que embasam o ambiente escolar e deixam um pouco à margem a prática necessária e real que será enfrentada por este professor, mesmo com os componentes curriculares de estágio supervisionado que permitem aos alunos ministrarem algumas aulas.

Esta realidade é percebida, também, no que tange às metodologias mais eficazes para os discentes do curso de letras, para que ao se depararem com a realidade no ambiente escolar consigam reformular as aulas e formem leitores, pois a minoria dos componentes curriculares do curso de licenciatura em língua portuguesa ofertados pela universidade se volta para essa mudança.

Desde muito cedo é perceptível a dificuldade que as pessoas têm em ler alguma coisa, como por exemplo, uma receita de bolo. Com a modernidade e, conseqüentemente, o mundo virtual o que mais os usuários precisam fazer é ler, até o fazem, embora a situação mude se o texto for um pouco mais extenso.

O mais alarmante diante disso é que este déficit na leitura se alastra até chegar aos cursos superiores. Apesar de estar em um curso de graduação de Letras Português em que se pressupõe que todos, ou a maior parte sabe e goste bastante de ler, é notória a pouca experiência que os alunos de ensino superior têm, especialmente com a leitura

literária. Realidade esta também percebida e vivida na turma a qual comecei e terminei meu curso de licenciatura.

Sabemos que muitos alunos devido às condições financeiras não puderam, quando mais jovens, assim como eu, dispor de recursos para comprar algum livro, o que se reflete nas gerações futuras. Se não há este hábito no próprio ambiente familiar desde os primeiros anos da infância provavelmente, quando adulto, a leitura será uma realidade descartada. Quando se amplia para a escola onde não há uma preocupação em

resgatar esse ser social e apresentá-lo à leitura, de uma forma prazerosa, a lacuna na formação de leitores tende a aumentar cada vez mais, como afirma Lois “se não se lê, não se pode aumentar o repertório crítico. Sem a crítica, o poder de julgamento fica limitado e a capacidade de intervenção e inserção cultural, também.” (LOIS, 2010 p. 19)

Mais um apontamento que nos revela o poder e a relevância do sujeito leitor. A partir das leituras esse sujeito se torna “proprietário” da fala do outro para formar a sua própria fala, ele se torna capaz de levantar hipóteses, dúvidas, questionamentos, outras discussões sobre determinado assunto devido a todo conhecimento adquirido com a leitura que, também, o ajudará em uma maior participação na sociedade em que vive.

Mesmo na universidade, o aluno sente dificuldade em realizar uma leitura, silenciosa ou em voz alta, ausência que se inicia no ensino fundamental, se perpetua no médio. Inúmeras vezes presenciei a(o) docente na universidade solicitar que algum aluno lesse um texto e nenhum se prontificava. Quando era uma leitura com muitos parágrafos, acontecia um relato por parte deles que chamava bastante atenção: pediam para o(a) professor(a) requisitasse para outra pessoa continuar pois estavam cansados pelo fato do texto ser muito grande. O que torna a questão da leitura na formação inicial do professor ainda mais imprescindível de ser discutida.

A leitura é uma das mais importantes linguagens do nosso corpo, é ela que nos permite decifrar o mundo ao nosso redor, como afirma Lerner (2002, p.17) é através da leitura que o sujeito toma posse de suas próprias opiniões, se torna capaz de argumentar em defesa ou contra qualquer tipo de situação. A leitura torna o leitor livre, crítico com sua própria identidade, seguro de si sem se deixar manipular. Tratando-se de leitura literária, Cosson acrescenta:

(...) é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (2006, p.16)

É de suma relevância para a o convívio em sociedade o conhecimento da norma de prestígio da nossa língua. Cedo ou tarde essa sociedade exigirá do cidadão tal conhecimento, no entanto, a leitura, especialmente a literária, desconstrói essa visão de ensino pautado em regras (não que elas devam ser desprezadas ou que não sejam importantes), elas incentivarão os leitores a criarem suas próprias regras e seus próprios

sentidos, tendo em vista que o sujeito tem livre arbítrio para dar novos sentidos às leituras, porém dentro do permitido.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) proporciona aos alunos do curso de Letras Português a oportunidade da prática à docência através dos componentes curriculares dos Estágios Supervisionados IV e V, que se concentram no ensino fundamental e os estágios VI e VII que são voltados para os alunos do ensino médio que são nosso foco.

Antes do início das atividades em sala de aula é necessário uma visita à escola para conhecer o ambiente no qual ocorrerá essa prática: a estrutura da escola e o corpo escolar (alunos, diretor, vice diretor, etc.) e, principalmente, o(a) professor(a) que cederá sua sala de aula para essa atividade curricular. No caso deste trabalho, esta visita ocorreu na escola Professor Oswaldo Pessoa, situada no bairro Ernani Sátyro, em João Pessoa.

Em conversa com a professora que cedeu sua turma de Ensino Médio para a aplicação de um projeto didático, ela relatou a dificuldade de seus alunos em lerem uma obra literária por completo, chegou a relatar que se ela os colocasse para ler uma obra completa diriam que ela estaria “louca”, pois eles tinham uma dificuldade enorme com a leitura.

Esta realidade relatada pela professora me causou uma inquietação e surgiu a necessidade de mostrar que ela poderia ser mudada. A partir de algumas reflexões teóricas vamos responder às seguintes perguntas: é possível formar um sujeito leitor no Ensino Médio? Quais caminhos podemos trilhar para atingir esse leitor?

A escola tem o grande desafio de, no seu domínio, fazer os sujeitos da aprendizagem reconhecerem o sentido amplo da leitura, para que assim se apropriem dela e façam parte dessa sociedade leitora, a fim de que usem este instrumento para pensar e repensar o mundo, e a organizar seus próprios pensamentos, conseguindo dessa forma ser cidadãos da cultura leitora e exercer as suas responsabilidades. Desta forma, o leitor irá se reconhecer como um instrumento social a partir do momento que sente ser capaz de se posicionar de forma objetiva e precisa diante das diversas inquietações que por ventura possam vir a importunar seus pensamentos.

A leitura fornece para aquele que se propõe a ler, a capacidade de criação e participação, no processo da formação de verdadeiros cidadãos que dão sentido aos textos. A leitura é o primeiro passo para a construção do conhecimento, desde assuntos mais básicos até chegar aos mais complexos, permitindo um leque de opções para cada

mente. Quando nos voltamos para a leitura literária a problemática aumenta de forma considerável, se pensarmos que o professor é grande influenciador de seus alunos. O que dizer de uma aula de literatura ministrada por um docente que não tem relação com o texto literário? De acordo com Lois (2010, p. 76) “o professor que não tem envolvimento com esse tipo de texto anuncia-se como um profissional distante da cultura e restrito a sua ação pedagógica”. No entanto, não podemos esquecer que esse processo também foi vivido por este professor, como na maioria dos casos, ele foi um leitor com pouco acesso à leitura.

Sabemos que em algumas situações o professor passa por algumas situações de vida que acarreta a uma não educação leitora. Lembro-me bem que quando mais jovem, estudante de ensino fundamental, nunca tive acesso aos livros, apenas os didáticos, embora sempre tive o anseio de ler e escrever textos, em especial os de língua portuguesa, poemas, por suas rimas, pelos temas que muitas vezes eram o amor, por achar “bonito”, mesmo sem entender muito bem seu contexto, a sonoridade chamava a atenção. Nunca fui educada com essa visão crítica de um texto, do seu contexto, dessa liberdade de interpretação. Eram apenas leituras, decodificações e um simples encanto por este ato. Quadro este que perpassou para o Ensino Médio e me assustou, quando no ano de 2006, com o intuito de ingressar em um curso superior de Português, por este gosto pela leitura, ao prestar o vestibular me deparei com questões relacionadas à nossa literatura brasileira, aos cânones e suas obras clássicas as quais nunca tinha lido e algumas sequer ouvido falar.

Diante de toda essa realidade, que percorre os ambientes acadêmico e escolar, organizamos esta reflexão a fim de ajudarmos os alunos a se descobrirem leitores, não por imposição, mas por encantamento, pois eles fazem parte dos textos, não há mais a concepção de leitor como apenas expectador da obra. Como afirma Lois (2010, p.72) o leitor é “peça-chave para acionar a existência do texto”, o leitor é coautor dos textos. Nos capítulos seguintes trataremos uma reflexão sobre os alunos do Ensino Médio e sua relação subjetiva com a leitura literária, a partir das observações em sala de aula proporcionadas pelos componentes curriculares dos Estágios VI e VII da Universidade Federal da Paraíba, os problemas que permeiam ambiente escolar e como as relações entre professor/aluno, professor/textos, professor/profissão, escola/alunos, estudante/leitura/texto precisam caminhar juntas para que, no final, todos saiam ganhando na relação ensino/aprendizagem e construção de uma sociedade mais crítica e pensante.

1 LEITURA LITERÁRIA: CONCEITOS E PRÁTICAS

Conceituar a leitura literária não é fácil, a literatura por si só é repleta de sentidos e conceitos, no entanto Cosson (2006) a definiu em poucas palavras com um amplo significado “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo” (2006, p.16). Notamos sua importância para a vida humana, a literatura está no mundo e transcende o homem, bastaria lermos mais textos literários para chegarmos aonde quiséssemos pois o mundo e a sociedade certamente não seriam os mesmos.

Partindo desse pressuposto nos questionamos porque o ambiente escolar não proporciona um espaço mais amplo para a leitura literária. Antes de tentarmos responder a este questionamento precisamos voltar ao passado e entender como se deu a formação do leitor na escola e qual o seu papel social.

A escola surge com a função primeira de equiparação social, no entanto logo essa sua atividade esmoreceu, pois a criação da escola estava pautada pela classe dominante, a burguesia, que almejava sua própria ascensão cultural deixando de fora trabalhadores menos favorecidos, desta forma mantendo o status da classe dominante e cada vez mais a decadência da classe inferior.

De acordo com Bordini e Aguiar (1993), a leitura então passa a ser objeto da escola, tendo em vista que a escrita era de domínio de poucos, não importava se os alunos eram alfabetizados ou não, a leitura oral e o relato de experiências faziam com que todos pudessem se equiparar, pois embora não soubessem escrever eram capazes de aprender através da oralidade, de maneira que haveria a diminuição da desvalorização dos seres humanos.

O processo do interesse pela leitura e o aparecimento das escolas aconteceu numa sociedade capitalista e como tal buscou extrair das leituras algum ganho, o que a partir de determinado período, fez com que o livro e, consequentemente a leitura, fossem desvalorizados, tendo em vista que a leitura era praticada visando o desenvolvimento intelectual não gerando nenhuma lucratividade, o que ocasionou a decadência da leitura, pois os representantes da sociedade estavam em busca de atividades que gerassem ganhos, assim a leitura foi sendo abandonada de forma gradativa.

Com essa breve contextualização do ambiente escolar fica clara a discrepância entre as classes sociais, o que infelizmente acontece até nossa atualidade, onde quem possui um poder aquisitivo maior consegue proporcionar uma educação de qualidade a

seus filhos em uma escola da rede particular, onde o aluno irá dispor de muitas tecnologias e professores muito mais cobrados em resultados na formação deles. E quem não dispõe de tal condição financeira matricula seu filho em uma escola da rede pública a qual passa por várias situações que deixam o ensino bom e de qualidade fora da realidade dos alunos.

Visando melhorar esse panorama histórico-social o professor precisa estar preparado para trabalhar com uma variedade de gêneros textuais, que consigam atender as necessidades individuais de cada aluno, tendo em vista que uma sala de aula não é homogênea, é preciso chegar mais perto de cada aluno para alcançar o objetivo da leitura, para isso é de fundamental importância a escolha dos textos que contemple a realidade da cada discente, objetivando uma leitura contextualizada mais próxima do real, para assim, a leitura ter sentido no processo de criação do leitor cidadão. Desta maneira, o professor irá configurar o ato de ler de forma presencial e interacional, desencadeando no leitor sua identificação como sujeito através da representação da realidade e, consequentemente o prazer pela leitura.

É preciso que o professor esteja atento para conduzir os alunos no processo de identificação como sujeitos nessa experiência com o desconhecido. Há necessidade de uma preparação deste profissional na condução da leitura dos textos, para que o aluno não se sinta perdido e sozinho, tornando o ato da leitura bem mais agradável e prazeroso, como afirmam Bordini e Aguiar:

O ambiente em que ele se desenrola é de arrebatamento e entusiasmo, e torna-se sagrado ou festivo de acordo com a circunstância. A ação é acompanhada por um sentimento de exaltação e tensão, e seguida por um estado de alegria e de distensão. (BORDINI e AGUIAR, 1993 p. 27)

O ambiente escolar quando se propõe a trabalhar a leitura é este paradoxo, são necessárias metodologias eficientes e profissionais capacitados além de estarem totalmente dedicados e envolvidos com a proposta, pois como percebemos, despertar nos alunos o encantamento com a leitura é um trabalho árduo que exige muito do professor, e que ele seja um professor leitor. Quando se fala em leitura literária é preciso um desdobramento do docente, no entanto, se executado com propósitos e objetivos definidos e certos de que é o melhor para os alunos, o resultado deixa para trás toda tensão para dar lugar à alegria e exaltação.

A princípio a escola se encarrega de alfabetizar os alunos fazendo-os dominar o código escrito, reconhecer as letras que compõem uma palavra, mas é indispensável sempre dar um passo a mais quando se fala em ensinar a ler, desde o início é preciso conduzir os alunos a lerem de maneira expansiva. Assim sendo, o professor deve fazer o aluno enxergar além das letras, decodificar é apenas o primeiro passo para a formação de leitores pensantes e críticos, o professor não deve ficar estagnado, mas sim agregar algo mais no desenvolvimento do conhecimento dos alunos bem como trabalhar com diversos textos que ajudarão na formação dos leitores como está descrito nos documentos oficiais:

A ampliação de suas capacidades de ampliação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolve tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta e canto de músicas, em brincadeiras, etc., como a participação em situações mais formais de uso da linguagem, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. (BRASIL, 1998, p.127)

A escola é apenas o início da formação de leitores, a leitura deve ultrapassar suas paredes, é um olhar além, a leitura avança do particular, do individual para o social, é a preparação do indivíduo para a realidade, para a vida, para se formar realmente como um cidadão atuante e atento a todos os assuntos que envolvam a sociedade a qual ele faz parte. Isso implica na responsabilidade do professor motivar o aluno à leitura, como enfatiza Lajolo:

O espaço escolar é um espaço no qual os textos têm uma circulação, programada, experimental. Acredito que as experiências de leitura que a escola deve patrocinar precisam ter como objetivo capacitar os alunos para que, fora da escola, lidem competentemente com a imprevisibilidade das situações de leitura (no sentido amplo e no restrito da expressão) exigidas pela vida social. (LAJOLO, 2009, p.105)

Até aqui discutimos o papel da escola e sua contribuição na vida do sujeito leitor. O ambiente escolar deve ter seu foco único e exclusivamente para seus alunos, focalizando na ascensão deles como leitores críticos e para isso a escola deve ensinar a literatura como uma arte que é, com seus questionamentos, suas dúvidas, realidades, inquietações, contribuições para a vida social dos indivíduos, deixando de lado uma visão minimalista de pretexto para ensinar a ler e escrever.

Dentro do contexto escolar não podemos deixar de fora a figura do professor e sua relação com seus alunos, além de amar sua profissão é imprescindível que o

educador mantenha uma boa relação com seus alunos, isso os deixará mais estimulados a irem pra escola, assistirem aquela aula e conseqüentemente se empenharem para aprender uma determinada matéria. De acordo com Snyders (1993), a relação professor/aluno, na visão dos estudantes e dos próprios pais que acompanham o crescimento e a dedicação de seus filhos, é muito importante:

(...) no ano passado, eu gostava do professor de matemática, comecei a gostar de matemática e fiz progressos; este ano, como eu não gosto do professor de matemática, piorei de novo na matéria”. Finalmente o elogio tão contestável feito por alunos (e também por pais): “Um bom professor consegue ensinar qualquer coisa... ele nos leva aonde quiser. (SNYDERS, 1993, p.75)

Como supracitado, o foco do aprendizado deve recair sobre os alunos, pois eles precisam estar aptos para enfrentar qualquer questionamento ou discussão que possam surgir. Com a ajuda dos textos eles estarão mais bem preparados, o texto não existe sem o leitor e vice versa, como afirma Lois: “os livros só existem porque há um leitor que o ilumina pelo seu olhar” (2010, p. 72). Tudo o que o leitor sabe sobre vida, família, sociedade, vivência, etc., por mais que seja algo simplório é de suma importância para sua formação como leitor e os textos literários são facilitadores nesse processo, tendo em vista sua gama de temas. Segundo Umberto Eco, 2001 (apud LOIS 2010, p. 72) “as obras literárias convidam à liberdade de interpretação porque propõem um discurso com muitos planos de leitura, defrontando-nos com a ambiguidade da linguagem e da vida”.

Infelizmente a literatura parece estar ameaçada, também no Ensino Médio, e um dos motivos para tal fato seria o modo que ela estava sendo ensinada nas escolas. Um ponto importante que requer dos professores bastante atenção e cuidado para que, de fato, isso não venha a acontecer, pois já percebemos o valor que a literatura pode trazer para o indivíduo. Com relação a esta ameaça que vem acontecendo à literatura, Perrone-Moisés aponta que (...) um dos “sinais de desuso” apontados por Barthes era o desprestígio de seu ensino: “Seria necessário, antes de qualquer coisa, fazer um balanço sério acerca do ensino de literatura”. (Barthes apud PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 17)

De acordo com a mesma autora, algo mais grave aconteceu com o ensino da literatura entre os anos 2001 e 2002 em nosso Ensino Médio:

(...) notou-se o “desaparecimento” da disciplina literatura no ensino médio de vários estados brasileiros. O ensino de literatura foi

substituído por ou diluído sob a fórmula “comunicação e expressão”. O sumiço da literatura provocou alguns protestos isolados. Mas não aconteceu nenhum movimento geral de repúdio a esse “desaparecimento”, nenhum abaixo-assinado de alcance nacional. (PERRONE-MOISÉS, p. 19, 2006)

Ainda de acordo com a autora, o problema com a leitura literária se inicia desde o ensino básico e se alastra até a universidade, em especial com os alunos dos cursos das áreas de Letras e Ciências Humanas. Assim sendo, diante deste quadro problemático em que se encontra o ensino de literatura, de modo geral, não podemos ficar estagnados, devemos lutar para que a arte literária não se dissolva deixando uma lacuna no ensino e na vida dos estudantes. Através deste trabalho mostraremos quão indispensável se faz seu ensino para a construção e evolução da sociedade e do indivíduo.

2 O PROJETO DIDÁTICO

O projeto que serviu como ponto de partida para a elaboração deste trabalho voltado para o universo da leitura literária foi desenvolvido no ano de 2017, como componente das disciplinas de Estágios Supervisionados VI e VII, da Universidade Federal da Paraíba.

Com o tema “Preconceitos de ontem e de hoje” as alunas Isabel da Silva Ferreira e Mirian Freire Leite colocaram seu projeto em prática na Escola Oswaldo Pessoa, situada no bairro Ernani Sátyro, em João Pessoa, no turno da noite, em uma turma regular de 3º ano. Tinham como principal objetivo com a aplicação deste projeto despertar nos alunos o interesse pela leitura, especialmente a literária. De acordo com a professora desta turma os alunos jamais leriam uma obra literária por completo. Esta fala motivou as estagiárias a voltarem seu trabalho para a leitura e deixarem de lado esta crença, que muitos acreditam, de que aluno não gosta de ler. Talvez o que falte para os estudantes sejam leituras que eles possam se identificar e, conseqüentemente, buscar novas leituras. Isso também não significa que o aluno deva ficar preso apenas às leituras “fáceis”, muito pelo contrário, essa é apenas a primeira etapa para que ele possa ler textos mais complexos.

Outro grande empecilho encontrado nesta realidade é que a literatura ainda é pouco presente, de maneira satisfatória, em sala de aula. Quando algum texto literário é lido ele serve apenas como um pretexto para ensinar gramática e de maneira fragmentada. O professor escolhe uma parte de um texto literário e apresenta ao aluno como se aquela pequena parte resumisse toda a obra, desta maneira apenas o lê e analisa de acordo com a gramática.

Grande parte dos professores esquece que a literatura é leitura, é interpretação e eleva o aluno a um estágio superior fazendo-o sair de seu lugar comum, o deixando mais informado e mais crítico. Consideramos de extrema importância a utilização dos gêneros textuais variados que atuam de maneira sócio-discursiva, facilitando o processo de ensino/aprendizagem da língua materna e aproximam o aluno da realidade na qual esta inserido através de atividades discursivas, bem como a utilização de um tema que contribuirá no aprendizado, ampliando a prática de leitura, compreensão e produção, tanto textual quanto oral.

A literatura dá espaço para os alunos serem ouvidos, eles são apresentados a vários gêneros textuais que trazem para eles uma ampliação dos seus horizontes de

expectativa, por isso é de grande importância trazer para a sala de aula textos literários, como forma de interação com seu meio social, influenciando sua maneira de perceber o mundo.

O professor Rildo Cosson em seu livro *Letramento Literário* (2006) preconiza o ensino da literatura baseado na ampliação dos horizontes de expectativa dos alunos, ou seja, mostra ao professor alguns caminhos que levam os alunos a uma reflexão crítica com relação aos textos literários de forma progressiva, e para isto o educador deve iniciar este processo com os cânones da literatura que, de acordo com ele, são a herança cultural de uma comunidade.

Tendo em vista toda a deficiência que existe com relação à presença da literatura no Ensino Médio, as alunas criariam aulas e atividades visando desenvolver nos alunos sua capacidade para ler (textos verbais e não verbais), interpretar e produzir textos (orais e escritos). Na elaboração do projeto foram introduzidos alguns textos, pois, sabemos que é através deles que promovemos a unificação de abordagens metodológicas que aproximam os estudos no campo literário e linguístico.

Ter um projeto didático pronto para o momento da intervenção foi extremamente importante, ele facilitou muito nas aulas ministradas. No entanto, não foi uma tarefa fácil realizar sua produção, visto que passamos a maior parte de nossas vidas estudando língua e literatura de forma dissociada. Ao colocarem em prática o projeto as discentes tiveram a certeza de que estavam no caminho certo, não faria sentido separar o conteúdo, visto que a língua é uma só e ao ensinar sem separar língua e literatura o educando só tem a ganhar. No momento em que trabalhamos com o texto literário, por exemplo, fazemos isso através de aspectos linguísticos que lhe são intrínsecos.

As alunas basearam seu projeto didático no tema do preconceito racial por ele ser muito relevante atualmente, de conhecimento dos estudantes e também por encontrarem muitos textos literários que relatam o problema a fim de possibilitar ao aluno, através de leituras literárias, a ampliação de sua competência leitora, despertando neles seu potencial crítico a respeito do tema e sua relevância no contexto social.

No projeto foram lidos os seguintes gêneros textuais: charge, conto, poema e até um texto de circulação na internet com autor desconhecido. As estudantes buscaram fazer uma mescla nas leituras, ou seja, trouxeram para a sala de aula, por exemplo, um conto de Ferréz (*Fábrica de Fazer Vilões*) e um poema de Castro Alves (*A Canção do Africano*). Um conto escrito na atualidade e um poema escrito há mais de cem anos, que têm linguagens diferentes, no entanto que abordam o mesmo tema do preconceito racial.

Com isso as estagiárias estavam querendo mostrar para os alunos que dizer que ler textos literários é “difícil” ou que “não estendem esses textos” é um pensamento que não se justifica. É necessário começar o trabalho com a leitura de maneira simplificada, que faça parte do universo deles para que assim possamos dar um passo à frente e avançar para uma leitura mais complexa, como afirma Cosson:

Todavia, a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas, portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006, p.35)

As aulas foram baseadas na interação dos alunos com o texto sempre provocando a participação deles, fazendo com que eles se sentissem parte do texto, se identificassem com a história que estariam lendo, dessem suas opiniões, relatassem experiências próprias ou de conhecidos, tendo em vista que já não vivemos mais nas décadas em que o dono do texto era o autor. Um passo muito importante para o vasto mundo da leitura, bem como para a relação texto/leitor, deixando o leitor mais livre para usar sua imaginação na interpretação dos textos, embora seja importante ressaltar que esta liberdade não significa dizer que tudo é permitido, essa leitura “obriga a um exercício de fidelidade e de respeito dentro da liberdade de interpretação” (ECO, 2001, apud LOIS 2010, p. 72). “Tudo se é permitido” desde que com moderação e dentro dos limites do texto.

Os textos principais deste projeto foram o poema de Castro Alves “A canção do africano”, que relata o sofrimento dos escravos cativos, o quanto eles clamam por quererem sua liberdade de volta, a imensa saudade que sentem de sua terra natal e o quanto terrível para uma mãe ter seu filho inocente nos braços, acalenta-lo, dar amor e carinho e de repente esse filho ser arrancado dos seus braços para ser vendido em um mercado de escravos e se tornar cativo, assim como ela, e ter a possibilidade de nunca mais poder vê-lo. É um poema que traz em sua essência o despertar para vários sentimentos como compaixão, sensibilidade e empatia.

Na primeira estrofe do poema nos deparamos com o sofrimento e a saudade do torrão por não aguentarem mais o sofrimento nesta terra. O início do poema já relata a

triste realidade a qual viviam, em uma senzala úmida e fria fazendo com que eles se sentissem muito mais tristes e arrasados pela condição de serem escravos:

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ...

Nessa estrofe, também, notamos que a única forma de se aquecerem naquela senzala fria é o braseiro e para amenizar um pouco o sofrimento que passava o escravo cantava e quando entoava seu canto chorava de saudade. Uma única e primeira estrofe já nos traz a revelação dessa triste realidade pela qual passaram milhares de escravos, como também a herança cultural do canto africano. Temos conhecimento que os escravos nos deixaram músicas, danças e costumes que fazem parte de nossas vidas até os dias atuais. Passando um pouco mais adiante, na terceira estrofe se dá ênfase a saudade de sua terra:

Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

Um verdadeiro clamor para ter de volta sua liberdade, estar junto da família sem ter que esperar a qualquer momento um feitor surgir e separar pai, mãe e filho para cada um ser vendido a dono diferente. Embora reconheçam que aqui, Brasil, seja uma terra bela, não há nada melhor para eles que voltarem de onde vieram, do lugar que se sentem seguros e principalmente livres. Liberdade é a palavra de ordem para os escravizados.

Ainda trazendo o tema do sofrimento e da tristeza temos mais uma estrofe que relata muito bem essa lamentável condição a qual eram submetidos, todos os dias acordavam muito cedo para seu trabalho árduo e se acaso não fosse assim, sem dúvida geraria uma grave punição para eles: o açoite.

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,

Pois bastava escravo ser.

Mais uma vez encontramos no poema a exaltação de sua terra natal, no entanto nessa estrofe notamos uma crítica social ao nosso país, o importante lá (África) é a felicidade, aqui (Brasil) o importante é o dinheiro. As pessoas se vendem e são vendidas por dinheiro. O poder e o ter são mais importantes do que ser feliz e ter liberdade, estão em um país extremamente capitalista.

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".

Finalizando o poema de Castro Alves encontramos a figura da mãe, aquela que sempre, apesar de qualquer coisa, acima de tudo e de todos, ama e protege seu filho de maneira feroz, que apesar de toda amargura e tristeza que sofre não quer que seu filho passe pela mesma situação, embora no caso dos escravos era bem pouco provável que o destino não fosse idêntico. Ficamos imaginando a cena desta cativa provavelmente aos prantos agarrada a seu filho, dando todo amor e carinho para ele, sonhando com um futuro melhor, mas a única certeza que essa mãe tinha é que a qualquer momento, mesmo em meio ao seu sonho, o dono dela poderia vir e levar para sempre seu amado filho. Uma cena forte que mexe com nossos pensamentos, sentimentos, traz várias leituras e reflexões essa última estrofe de “A canção do Africano”, uma canção/poema de desespero, lamento e pedido de socorro.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

São essas emoções, sentimentos e essa sensibilidade em olhar para o poema que as estagiárias queriam trazer para a sala de aula, uma reflexão crítica a respeito de toda a trajetória do negro na sociedade, a humilhação, as condições precárias a que eram submetidos por serem negros, não eram tratados dignamente, eram jogados em um lugar qualquer sem a mínima condição de vida, eram um objeto de trabalho e nada mais. É um poema riquíssimo de história e reflexão que tem muito a contribuir para os alunos

tanto no que se refere à literatura quanto a despertar o potencial crítico deles e sua empatia.

O outro texto escolhido para ser trabalhado em sala de aula foi o conto de Ferréz “A fábrica de fazer vilão” que retrata também a dura realidade de quem vive às margens da sociedade e paga um alto preço por ser negro, pobre e morar em uma área menos prestigiada socialmente. Os dois textos dão um grande exemplo da suma importância da literatura em sala de aula, pode ela ser canônica ou marginal, obedecer à norma padrão ou não, o aluno deve ter acesso a e qualquer exemplo de texto literário, quanto mais se informar mais se desenvolve criticamente, mais se coloca no lugar do outro e mais se têm autonomia para formar seus próprios pensamentos, opiniões e tomar decisões.

O conto contém palavras de “baixo calão” que retratam a realidade social, por isso deve ser trabalhado em uma sala de ensino médio a qual os adolescentes já são mais maduros para compreenderem que não estamos incentivando o uso de tais palavras, mas sim expondo o contexto social no qual essa linguagem é bastante usada, e como os textos literários incentivam a reflexão eles trazem a realidade, não escondem nada. É sua função social achamos interessante trazer esse texto para ser trabalhado com os alunos, assim como o poema ele tem muito a contribuir com a formação social deles. O conto de Ferréz traz como principais personagens uma mãe e seu filho que moram em uma comunidade simples, são trabalhadores e têm sua casa invadida por policiais, e a partir de então sofrem preconceitos e são submetidos a situações de humilhação.

Estômago do carái, acho que é gastrite.

Cobertor fino, parece lençol, mas um dia melhora.

De início o texto já relata a situação precária de nosso personagem, o básico para sua sobrevivência ele não tem que é a comida, a barriga está “roncando” de fome, se quer um lençol digno ele possui para se cobrir e não sentir frio. Mas, mesmo diante essa situação ele tem esperança que um dia irá melhorar.

Ontem terminei mais uma letra, talvez o disco saia um dia (...)

Aparentemente trata-se de um jovem que não tem um emprego fixo e que faz músicas para sobreviver. Este jovem, nem em seu momento de descanso consegue ter tranquilidade, mais que de repente no meio da noite ele é surpreendido com palavras de ordem e exaltadas, sem entender o que está acontecendo ele acorda atordoado:

Acorda preto.

O quê... o quê...

Acorda logo.

Mas o quê...

Vamo logo, porra.

Ai, peraí, o que tá acontecendo.

Levanta logo, preto, desce pro bar.

Mas eu...

Desce pro bar, porra.

Tô indo.

Primeiro ponto forte a ser analisado, sem dúvida, é a maneira pela qual o rapaz é tratado de “preto”, que caracteriza o preconceito racial, uma forma pejorativa de tratar um ser humano só por sua cor de pele, com certeza esse rapaz se sentiu humilhado e ofendido, sem falar na invasão a sua casa, sem nenhum tipo de educação ou mandado se quer, e ele, em sua humilde “insignificância” perante aqueles que invadiram a sua casa simplesmente obedece à ordem e sai do seu quarto.

Tento pegar o chinelo, cutuco com o pé embaixo da cama, mas não acho. Todo mundo lá embaixo, o bar da minha mãe tá fechado, cinco homens, é a Dona Zica, a Rota.

Na narrativa do texto não fica expresso claramente quem foram esses cinco homens que invadiram a casa do jovem, mas pelas leituras de mundo que trazemos desde o início sabemos que foram policiais que invadiram sua casa, nesse trecho ele dá a dica de que foram os homens da rota que estão causando todo esse transtorno a sua família.

Os insultos e humilhações percorrem todo o texto, quando os moradores descem para o bar um dos policiais pergunta por que naquele bar só tem preto, mais uma vez fazendo menção à cor de pele. O rapaz, sem reação, fica calado e refletindo interiormente porque ele nasceu negro, se pudesse escolher com certeza não queria para não passar por esse e outros tipos de preconceito, pois além de ser negro vive em uma comunidade, sobrevive de música, possui todas as características para ser diminuído e tratado com indiferença pelos preconceituosos.

Ninguém responde, vou ficar calado também, não sei por que somos pretos, não escolhi.

O policial se irrita mais e as ofensas prosseguem:

Vamos, porra, vamos falando, por que aqui só tem preto?

Porque... porque...

Por que o quê, macaca?

Minha mãe num é macaca.

Cala a boca, macaco, eu falo nesse caralho.

O homem se irrita, arranca a caixa de som, joga no chão.

Uma realidade muito forte e dura que é retratada nesse conto, causa bastante indignação, revolta. Ficamos pensando como pode um ser humano tratar outro de forma tão agressiva, como se um fardamento ou uma nomeação fizesse ele ser superior a outro e isso lhe desse plenos poderes para invadir uma casa e humilhar um cidadão sem motivo aparente.

É que todo mundo na rua é preto.

Ah! Ouviu essa, cabo, todo mundo na rua é preto.

Por isso que essa rua só tem vagabundo, só tem nóia.

Neste conto encontramos um outro ponto de suma importância para ser discutido e que infelizmente impera na sociedade, quem mora em comunidades, faz uso de certos trajes e é negro, é tido como alguém que nada faz da vida, um vagabundo que certamente sobrevive de roubos, e é usuário de drogas com certeza. As pessoas julgam alguns pelo todo, esquecem que há muitos que trabalham e sobrevivem de maneira digna e honesta (como veremos nos trechos abaixo). E mesmo que não seja assim, isso não lhes dá o direito de invadir uma casa e menosprezar as pessoas. Todos nós somos cidadãos e merecemos respeito.

Minha mãe não merece isso, 20 anos de diarista.

Tá é vagabundo, levar lata de concreto nas costas não quer, né?

Ele talvez não saiba que todo mundo na minha rua é pedreiro agora, ele talvez não saiba.

O clímax do texto certamente é esse momento em que o policial afirma que aquele jovem é um lixo, não há humilhação maior que esta. Não basta sofrer o preconceito racial, o mínimo que esse texto causa em um ser humano é indignação, e o

mais grave de tudo isso é que acontece na sociedade, está bem ali perante todos e ninguém fala ou faz alguma coisa. Não há uma lei que seja rígida e que proteja de forma segura essas pessoas. Somos uma sociedade acuada que ainda não temos voz para enfrentarmos e acabarmos com esse tipo de situação, infelizmente.

Sabe o que você é? Não. Você é lixo, olha suas roupas, olha sua cara, magro que nem um preto da Etiópia, vai roubar, caralho, sai dessa.

Sou trabalhador.

Trabalhador o caralho, você é lixo, lixo.

O jovem do conto ainda se sente indignado, ainda quer expressar o que sente, quer falar que é humano, tem sentimento, ganha a vida como dá, que não teve condições de estudar, ter uma vida e um futuro melhor, mas sabe que de nada irá adiantar, eles são a minoria e não conseguem ser ouvidos.

Eu canto rap, devia responder a ele nessas horas, falar de revolução, falar da divisão errada no país, falar do preconceito, mas...

A história tem seu desfecho quando o policial manda um dos seus subordinados apagar a luz, a tensão toma conta do local, certamente irão executar todos para não irem até a delegacia denunciarem a violência vivida, não pode sobrar nenhuma testemunha. O rapaz abraça sua mãe, como se fosse o último de suas vidas, uma despedida. Mas a crueldade humana não para por aí, eles fazem isso de propósito apenas para causar mais terror e pânico entre os moradores daquela casa, dão um tiro para cima e vão embora deixando mais uma família aterrorizada, traumatizada com a violência física e psicológica, e deixando uma mensagem que podem voltar a qualquer momento, desta vez eles escaparam, mas da próxima podem não ficar vivos para contar a história.

O tiro acontece, eu abraço minha mãe, ela é magra como eu, ela treme como eu.

Todo mundo grita, depois todo mundo fica parado, o ronco da viatura fica mais distante.

Alguém acende a luz. Filho-da-puta do caralho, atirou no teto, grita alguém.

Notamos nos dois textos literários uma forte ligação, o primeiro a figura do negro marginalizado, humilhado, escravizado, vítima do preconceito, triste por estar nessa condição e longe de sua cidade natal, da família. Traz ainda a figura da mãe com seu amor incondicional por seu filho, preocupada com seu futuro, que poderia ser igual ao dela, longe de todos seus entes queridos, e ela o protege e aproveita sua presença em seus braços o quanto pode. Há também a exaltação de sua terra, as condições de vida

podem não ser das melhores, mas lá são felizes e livres, aqui apesar das belezas naturais eles são vistos como coisas e/ou mercadorias, desta forma não podem ser felizes.

No texto de Ferréz, mais uma vez a figura da família, que também era negra e vítima de preconceito. No poema de Castro Alves o olhar se volta para essa mãe, já na segunda leitura voltamos nosso olhar para o filho, os papéis se invertem. O filho se sente humilhado pelos policiais e não aceita serem tratados de forma brusca e preconceituosa sua mãe que sempre foi uma guerreira, lutou para lhe dar uma vida digna trabalhando vinte anos como diarista. Ele pensa: minha mãe dedicou vinte anos de sua vida trabalhando arduamente em casa de família para me dar o que comer e vestir, para certo dia ver sua casa invadida por alguns policiais, simplesmente por ser uma família onde só tem negros e por morarem em uma comunidade pobre.

Há, nas duas leituras uma correlação de proteção entre mãe e filho e vice versa. Na primeira a mãe que embala seu filho ainda criança, ainda inocente do que poderá enfrentar quando crescer, essa mãe aproveita para dar todo amor e carinho que pode a este filho antes que, de repente algum feitor venha para arrancá-lo de seus braços e ela nunca mais o veja. Na segunda é o filho que tenta proteger sua mãe das humilhações provocadas pelos policiais, ele sabe de sua dedicação e honestidade e não aceita que ela passe por esse tipo de situação, e ao final do texto quando o policial anuncia que irá atirar em alguém, esse filho abraça sua mãe tentando protegê-la do que poderá acontecer.

Com a aplicação do projeto didático em sala de aula, esperávamos que os alunos tivessem essa sensibilidade em fazer essa correlação entre os textos, é nítido que o preconceito é tema principal dos dois textos, mas há outros elementos para serem percebidos e comentados nas duas leituras que certamente trariam muitas trocas de experiências, debates e exemplos tornando a aula interacionista, que é o proposto pelo projeto e pela leitura literária.

3 Prática da leitura literária em sala de aula: expectativas e realidades

Quando saímos da nossa rotina, sempre é criada uma expectativa, uma ansiedade em relação ao novo e desconhecido que está por vir, e se esta novidade está relacionada à sala de aula a ansiedade aumenta bastante.

O ambiente escolar, a sala de aula, sempre nos traz surpresa, é algo imprevisível, os alunos que iremos encontrar com suas ideias, suas expectativas, sua realidade de vida, seus comportamentos. Tudo é novo, tanto para o professor quanto para os alunos que colocam no professor toda sua esperança de aprender e ter um futuro melhor. Para muitos alunos que realmente pensam no seu futuro, o professor se torna um espelho, um modelo a ser seguido, recai sobre ele uma grande responsabilidade social.

Estar à frente de uma sala de aula exige do profissional muito além de saber a gramática e ler textos, ele precisa interagir com seus alunos, dar espaços para eles exporem suas ideias, instigá-los a serem críticos e reflexivos, se verem como seres participantes e atuantes da sociedade em que vivem. Para esses objetivos serem alcançados há necessidade de muita dedicação, a maturidade que vem com o passar do tempo e o gosto pela profissão. Com este conjunto de fatores, certamente, o profissional da educação se sentirá com seu dever cumprido, e com mais profissionais dedicados desta forma, a população voltará a acreditar na educação do país.

Para aqueles que já são atuantes em sala de aula a responsabilidade é enorme, para quem está chegando não é diferente, aplicar um projeto em um ambiente que não é o seu torna a responsabilidade maior. O estagiário, talvez, se cobre muito mais que o professor regente, pois há uma expectativa se os alunos vão lhe receber bem, se vão gostar de sua aula, se vão lhe dar atenção, participar da aula, etc.

Quando nos deparamos com a aplicação prática de um projeto didático a insegurança, o medo e a expectativa, sem dúvida, tomam conta de nós, como já elencamos acima, no entanto é de suma importância para a decisão de nosso futuro, essa maneira de estar atuando em sala de aula, conhecendo sua realidade, passo fundamental para o docente definir se irá em frente ou não.

As expectativas com a atuação em sala de aula são sempre as melhores possíveis, sempre queremos que tudo ocorra bem, embora algumas vezes subestimamos o alunado, pois nos deixamos levar por aquilo que ouvimos. E assim imaginamos alunos desinteressados, que não participam das aulas, que vão à escola apenas por irem, que não lêem, não pensam no futuro, e nem sempre a realidade é esta.

No primeiro momento levamos para os alunos como texto motivador uma charge (anexo 1) com o intuito de conhecê-los melhor, detectar sua capacidade de observar o mundo ao seu redor e debater um pouco sobre os preconceitos religioso e racial. Pedimos que eles se juntassem em dois grupos grandes para responderem um questionário a respeito da charge (anexo 2) e, desta maneira, mostrar para eles como é importante trabalhar em equipe, como juntos todos se ajudam e como precisamos uns dos outros. Logo o medo e a insegurança passaram, pois os alunos foram bastante participativos, perguntaram o que não entenderam, prestaram atenção na aula, conheceram assuntos desconhecidos por eles, sem dúvida foi uma aula muito produtiva tanto para eles quanto para as estagiárias.

A charge traz uma sala de aula, com uma professora e alunos, um ambiente e personagens conhecidos pelos estudantes, o que facilitou o início de uma discussão a respeito da polêmica contida na charge, deixando os alunos mais à vontade para exporem suas ideias, relatando seus conhecimentos prévios e vivências sociais, pois como foi discutido ao longo deste trabalho, se o aluno conhece o tema retratado pelo texto ele se sente parte dele, participa e se interessa pela leitura.

O intuito era conhecer os alunos, descontraír o ambiente, tendo em vista que era a primeira aula das estagiárias. Então elas trouxeram uma charge com o texto verbal encoberto para despertar neles a imaginação, a curiosidade e mostrar que um único texto pode possuir várias leituras. E foi exatamente o que aconteceu, eles deram suas opiniões acharam que a professora poderia estar expulsando o aluno porque ele chegou tarde, porque não tinha trazido os livros ou porque ele era do candomblé, uma religião africana, por conta dos colares que o menino estava usando.

Após muitas opiniões as estagiárias revelaram qual era realmente a mensagem da charge, e se tratava do preconceito religioso da parte da professora da sala de aula, o que chamava mais atenção, pois sabemos que para ser um professor é preciso uma neutralidade com relação as suas opiniões. A partir da revelação da charge os alunos começaram a comentar o que acharam da cena e usaram suas empatias relatando suas opiniões e reações se fossem com eles, o que eles fariam se fossem o aluno e como se comportariam se fosse a professora.

Os alunos, também, começaram a dar exemplos de vida com relação ao preconceito que já viveram e também de pessoas próximas a eles. Foi um momento de muita participação e reflexão para eles que se sentiram bem a vontade para compartilhar

com os demais colegas suas experiências de vida, e assim as estagiárias alcançaram seus objetivos no incentivo a leitura e ampliação de seus horizontes.

Para os alunos, além de ser uma novidade duas estagiárias à frente da sala, também foi uma aula diferente por ter acontecido na sala de vídeo, devido a utilização do computador e a TV que lá estavam, pois muito pouco eles frequentam este ambiente. Também contribuiu para a aula ser produtiva a maneira como os deixamos a vontade para questionar, interagir. As estagiárias não estavam à frente da turma para se impor, mas sim para somar com eles.

A professora regente elogiou a aula das estagiárias, relatou que foi muito boa, que seus alunos gostaram e queriam mais aulas e perguntaram quando elas retornariam. Podemos dizer que a aula teve grande aproveitamento e surpreendeu as estagiárias, a participação, o interesse e o comportamento dos alunos foram pontos que chamaram atenção. Os estudantes participaram, deram opiniões, questionaram e principalmente relataram fatos de suas próprias vidas em relação ao preconceito racial e também de pessoas próximas a eles. Foi uma excelente troca de vivências.

Após esse primeiro encontro com o tema motivador, as estagiárias levaram para a turma o conto de Ferréz intitulado “A fábrica de fazer vilões”. A professora regente quando leu o texto, de imediato relatou que eles iriam adorar por conta de sua linguagem. No entanto, não foi possível dar continuidade a aplicação do projeto por motivos diversos que ocorreram ao longo do processo, como fatores internos da escola e externos também, ao longo deste período houve paralisações, reunião, mudança no horário dos professores, jogos internos e a professora precisou se ausentar por motivos de doença.

Algumas situações, se vistas de longe, podem parecer inofensivas e não prejudiciais aos alunos, mas se olharmos de maneira um pouco mais minuciosa perceberemos que eles são bastante prejudicados. A princípio já são prejudicados por estudarem no turno da noite em que não há todas as aulas por conta da violência no bairro, a biblioteca não funciona, e as sextas-feiras praticamente não há aulas, por ser fim da semana os alunos quase não comparecem à escola.

Esta desorganização se inicia na direção da escola, que foi um dos primeiros empecilhos que encontramos, não com relação a nossa presença, mas relação à comunicação com seu corpo docente. Acreditamos ser uma falta de organização extrema o professor chegar à escola e não saber para qual sala de aula se dirigir, isso

aconteceu devido à mudança que a direção fez e não repassou aos seus profissionais. Até que eles pudessem se organizar, receber e validar esta mudança de horário se passaram algumas semanas. No entanto, se eles fossem mais ativos se juntariam e encontrariam uma solução para esta falta de organização, tendo em vista que apenas reclamar do problema não o resolve.

A escola promover uma semana de jogos internos para incentivo à prática de esportes é uma iniciativa louvável com certeza, mas não podemos promover uma ação dessas de maneira que os alunos fiquem sem aulas, principalmente os da noite que, como citado anteriormente já tem poucas oportunidades. Seria necessário que estes jogos acontecessem em horários diferentes das aulas, para que assim eles pudessem participar e ter um momento de lazer e distração promovido pela escola sem que isso prejudique seu aprendizado.

Trabalhar com leitura literária, é saber que a educação não está em declínio e que através dela ainda podemos melhorar o futuro desses jovens e de nosso país. Formando cidadãos mais conscientes e, principalmente formando um sujeito leitor. Ao decorrer de nosso trabalho notamos que é possível sim essa formação, embora não seja de imediato, é um processo longo que além de tempo requer bastante dedicação por parte do educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profissão de professor, assim como a literatura, exige dedicação, disponibilidade, planejamento, inspiração. Uma gama de fatores que fazem desse trabalho um exemplo que merece todo nosso respeito e admiração.

Estar à frente de uma sala de aula vai além de estudar um conteúdo em casa e levá-lo aos alunos. Ser professor é ser exemplo, é ser inspiração para os alunos, é despertar neles a vontade de investir no futuro através da educação, é saber respeitar aquele(a) que sai todos os dias de sua casa para compartilhar seus conhecimentos na esperança que servirão para um futuro promissor daqueles jovens. É pensar no outro, na sua realidade, no seu crescimento. Essa é a contribuição que nós estudantes e iniciantes da carreira de professores podemos oferecer para aqueles que buscam um futuro promissor.

Os estágios permitem mergulhar neste universo real que é a sala de aula e colocar em prática algumas teorias que aprendemos quando estudantes e que nos norteiam no ensino/aprendizagem. A maneira como devemos nos portar como professores, o olhar para os alunos, o respeito para com eles e, principalmente, que nunca devemos subestimá-los, pois eles sempre nos surpreendem e são capazes de ir muito além do que esperamos.

A sala de aula dever ser um trabalho em conjunto, nenhuma das duas partes (professor-aluno) consegue êxito sem andarem juntas e sem se respeitarem. O professor deve ser um mediador para seu aluno, trabalhar em conjunto e trazer para sala de aula textos que sejam acessíveis a eles, mas nunca os fazer regredir, pelo contrário, se o aluno acha o texto literário difícil é nesse ponto que o professor deve estar atento, começar a trabalhar com esse tipo de texto e instigar o aluno a pensar e progredir, essa é uma das funções primordiais do educador.

Muito se foi planejado para ser executado em sala de aula, planejamento que demandou tempo e dedicação por parte das universitárias e dos professores que guiaram os caminhos para serem trilhados por elas. Há uma certa frustração quando não se consegue colocar em prática tudo o que se planeja, tendo em vista que os mais beneficiados seriam aqueles alunos/leitores em formação. Há uma necessidade que a escola entenda sua importância na formação do aluno focalizando em seu desenvolvimento e aprendizado.

Quando se trabalha com jovens o desafio de mantê-los atentos na aula é bastante desafiador, pois hoje há uma “quebra de braços” entre a tecnologia e o professor. Para que o aluno não fique disperso é preciso que este formador mediador encontre os melhores recursos para manter os alunos atentos e participativos nas aulas. Uma das alternativas encontradas para que isso ocorra é a seleção de textos literários como mostramos ao decorrer de nosso trabalho. Textos esses que tragam debates e discussões para dentro da sala de aula e se estenda para fora dela.

Essas alternativas podem não ser as mais eficazes, no entanto, sem dúvida podem ser um passo inicial na mudança da aprendizagem do aluno/leitor em formação, que apesar de já se encontrar no ensino médio é capaz de despertar seu interesse pela leitura literária e se tornar um leitor proficiente.

Referências Bibliográficas

- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor: *Alternativas Metodológicas*. 2^a ed. Porto Alegre: RS. Editora Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. Resolução n° 2, de 7 de Abril de 1998. Institui as diretrizes curriculares nacionais para o ensino fundamental. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996.
- BRITO, Danielle Santos de. *A importância da leitura na formação social do indivíduo*. Faculdade Don Domênico: Guarujá – Artigo - Graduada em Letras. 2010.
- CORRÊA, Juliana de Oliveira. *Práticas de leitura na sala de aula – Estudo bibliográfico*: Universidade Católica de Brasília – Mestre. 2012.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça B. B. *Leitor e leituras: Considerações sobre gêneros textuais e Construção de Sentidos*. Universidade Federal de Pernambuco – Artigo – Doutoras. 2005.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- HILA, Cláudia Valéria Doná. *Ressignificando a aula de leitura a partir dos gêneros textuais*. IN: NASCIMENTO, E.L. (Org.) . *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. 1.ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2009, p.151-194.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1996.
- LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?. ZIBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p 52-62.
- LERNER, Delia. *O escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- LOIS, Lena. *Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 9, p. 16-29, dec. 2006. ISSN 2237-1184. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709/21773>>. Acesso em: 27 may 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i9p16-29>.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: Quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor. 2012.

SNYDERS, Georges. Alunos felizes: Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Cátia Ainda Pereira da Silva (Trad.). 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 1999

Anexos

Anexo 1

Charge



Questionário

- Qual o tema da charge?
- O que está acontecendo na charge?
- Qual a justificativa que eles acreditam ter motivado a cena?
- Essa charge caracteriza algum tipo de preconceito?
- Como eles podem fundamentar isto?
- O que é preconceito?

Anexo 2

A Fábrica de Fazer Vilão - Ferréz

Para Tô, Wilsão, Arnaldo, Alê e Nego Dú

Tô cansado mãe, vou dormir.

Estômago do carái, acho que é gastrite.

Cobertor fino, parece lençol, mas um dia melhora.

Os ruídos dos sons às vezes incomodam, mas na maioria ajudam.

Pelo menos sei que tem um monte de barraco cheio, monte de gente vivendo.

Ontem terminei mais uma letra, talvez o disco saia um dia, senão é melhor correr trecho.

Acorda preto.

O quê... o quê...

Acorda logo.

Mas o quê...

Vamo logo, porra.

Ai, peraí, o que tá acontecendo.

Levanta logo, preto, desce pro bar.

Mas eu...

Desce pro bar, porra.

Tô indo.

Tento pegar o chinelo, cutuco com o pé embaixo da cama, mas não acho. Todo mundo lá embaixo, o bar da minha mãe tá fechado, cinco homens, é a Dona Zica, a Rota.

É o seguinte, por que esse bar só tem preto?

Ninguém responde, vou ficar calado também, não sei por que somos pretos, não escolhi.

Vamos, porra, vamos falando, por que aqui só tem preto?

Porque... porque...

Por que o quê, macaca?

Minha mãe num é macaca.

Cala a boca, macaco, eu falo nesse caralho.

O homem se irrita, arranca a caixa de som, joga no chão.

Fala, macaca.

É que todo mundo na rua é preto.

Ah! Ouviu essa, cabo, todo mundo na rua é preto.

Por isso que essa rua só tem vagabundo, só tem nóia.

Penso em falar, sou do rap, sou guerreiro, mas não paro de olhar a pistola na mão dele.

É o seguinte, vocês vivem de quê aqui?

Do bar, moço.

Moço é a vaca preta que te pariu, eu sou senhor para você.

Sim, senhor.

Minha mãe não merece isso, 20 anos de diarista.

E você, neguinho, o que tá olhando aí, decorando minha cara para me matar, é? Você pode até tentar, mas a gente volta aqui, põe fogo em criança, queima os barracos e atira em todo mundo nessa porra.

Ai! Meu Deus.

Minha mãe começa a chorar.

Você trabalha de quê, seu macaco?

Tô desempregado.

Tá é vagabundo, levar lata de concreto nas costas não quer, né?

Ele talvez não saiba que todo mundo na minha rua é pedreiro agora, ele talvez não saiba.

Sabe o que você é? Não. Você é lixo, olha suas roupas, olha sua cara, magro que nem um preto da Etiópia, vai roubar, caralho, sai dessa.

Sou trabalhador.

Trabalhador o caralho, você é lixo, lixo.

Cai cuspe da boca dele na minha cara, eu sou lixo agora.

Eu canto rap, devia responder a ele nessas horas, falar de revolução, falar da divisão errada no país, falar do preconceito, mas...

É o seguinte, seus montes de bosta, vou apagar a luz, e vou atirar em alguém.

Mas capitão...

Cala a boca, caralho, você é da corporação, só obedece.

Sim, senhor.

Ou tem algum familiar seu aqui, algum desses pretos?

Tem não.

Ah! Mas se eles te pegam na rua, comem sua mulher, roubam seus filhos sem dó.

Certo, capitão.

Então apaga a luz.

O tiro acontece, eu abraço minha mãe, ela é magra como eu, ela treme como eu.

Todo mundo grita, depois todo mundo fica parado, o ronco da viatura fica mais distante.

Alguém acende a luz. Filho-da-puta do caralho, atirou no teto, grita alguém.

Discussão

Após leitura serão levantadas questões como: qual o tema principal do conto, quem são os protagonistas, se é possível dizer que eles sofreram algum tipo(s) de preconceito(s) e qual(is) é(são), o local onde a cena se passa, como eles podem apontar no conto este local, suas opiniões a respeito dos policiais, como os militares deveriam se portar, se o rapaz apresentado no conto é realmente culpado, essa cena acontece na vida real, qual a crítica contida nele, se os alunos acreditam na polícia, se já presenciaram alguma situação parecida, o local que eles moram acontece este tipo de situação.

Anexo 3

A Canção do Africano - Castro Alves

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão ...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

"Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

"O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!

"Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras

Dão vontade de pensar ...

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

Discussão

Com o término das discussões da questão do negro trazida no poema, junto com os alunos, compararemos o conto de Ferréz trabalhado anteriormente. A partir da capacidade leitora dos alunos, buscaremos com que ele faça a relação entre ambos, que além de tratarem da questão do negro, trazem um desrespeito por eles; no primeiro o desrespeito por parte dos policiais em invadirem a casa de um cidadão e insultá-lo, no segundo pelos donos dos escravos que tiram de forma bruta os filhos de suas mães. Querendo saber dos alunos o que eles têm a argumentar a respeito desta questão e relacionar a literatura como atemporal, pois o conto de Ferréz é contemporâneo e o poema de Castro Alves bem mais arcaico, no entanto, podemos fazer uma relação entre eles uma das funções da literatura.